

O corpo como diálogo e interação entre alunos surdos e ouvintes

Ivan Jeferson Kappaun[1]
Universidade de Santa Cruz do Sul Unisc

RESUMO: Este trabalho objetiva problematizar as oficinas de teatro ministradas à alunos surdos e ouvintes em uma escola da rede estadual de ensino da cidade de Santa Cruz do Sul/RS. Os alunos são recebidos em turno oposto para pensar e praticar com o corpo os fundamentos básicos da experiência teatral. Por meio de improvisações, jogos teatrais, criação coletiva e expressão corporal, o projeto aponta para a perspectiva de uma montagem de peça que atenda aos fundamentos trabalhados na oficina. Observa-se algumas características que os próprios alunos apontam que desenvolveram durante o processo, como concentração, autoconhecimento, percepção do outro, bem como reconhecimento de possibilidades de construção e modos de ver e fazer diferente, num processo constante de reflexão. Através das práticas, buscou-se construir uma proposta pedagógica que promova a descoberta como aprendizagem. Visando uma ampliação cultural, onde se proponha atividades que prezem pelo respeito aos conhecimentos dos alunos, partindo de um pressuposto que todos apresentam condições de aprender, dialogar com os conhecimentos teatrais e, de forma criativa, assumir esta aprendizagem como experiência do e no corpo. A dinâmica prevista, assumidamente coletiva, se abre para experimentações que ampliam a percepção corporal, de modo a favorecer o diálogo e interação entre alunos surdos e ouvintes, sem que as especificidades linguísticas representem entraves.

Palavras-chave: Teatro; Educação; Surdos.

A importância da arte na educação é a mesma da arte para o indivíduo em sociedade. Não podemos considerá-la apenas como um instrumento de desenvolvimento da criatividade, da percepção etc., até porque tais características não são exclusividade da arte. Parafraseando Ostrower (1984), a criatividade é inerente ao ser humano, pela possibilidade de oferecer múltiplas combinações de ideias, emoções e produções nas diversas áreas do conhecimento.

A arte pode ser aprendida também na escola, assim é interessante considerar a organização de um trabalho pedagógico que permita relações estéticas com os alunos. Na pedagogia teatral, sugere-se fundamentar o conhecimento e os

[1] Acadêmico do curso de Mestrando em Educação pelo Programa e Pós-Graduação da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), com bolsa Capes/Prosup. Especialista em Arte e Educação pela UNIASSELVI (2014) e em Educação Especial: Deficiência Auditiva (2014) pela UNIASSELVI. Graduado em Artes Visuais – Bacharelado em Desenho e Plástica (2009) e em Artes Visuais – Licenciatura Plena em Desenho e Plástica (2008) pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Atualmente é professor de Arte na Escola Estadual de Ensino Médio Nossa Senhora do Rosário e na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor José Ferrugem, ambas no município de Santa Cruz do Sul/RS.

processos de aprendizagem, inserindo-os na história cultural. E a oficina de teatro, por ser uma estrutura didática amplamente utilizada, para Telles (2008) é caracterizada como uma ação pedagógica, na qual o professor/oficineiro direciona as atividades de forma a estabelecer um exercício dialético entre o seu conhecimento e o que os participantes trazem de seu universo sociocultural. Nesta medida a oficina torna-se um momento de experimentar, refletir e elaborar um conhecimento das convenções teatrais, buscando instrumentalizar os participantes de um conhecimento básico, vivência de uma atividade artística que permite uma ampliação de suas capacidades expressivas e consciência de grupo. E é nessa dinâmica que o pedagógico se revela, um aprendizado contínuo baseado na troca de experiências diversas que permitem a todos os participantes descobrir novas possibilidades de criação. Para Koudela (1992), no envolvimento criado pela relação de jogo, o participante desenvolve liberdade pessoal dentro do limite de regras estabelecidas e cria técnicas e habilidades pessoais necessárias para o jogo.

Assim, o teatro oportuniza experiências significativas no campo artístico, que permitem aos envolvidos no processo de aprendizagem dialogarem consigo e com os outros, bem como com o meio em que estão. Foram nessas relações que foi possível implementar a oficina de teatro na Escola Estadual de Ensino Médio Nossa Senhora do Rosário, localizada no vale do Rio Pardo, na cidade de Santa Cruz do Sul/RS. A escola é referência na educação de surdos e atende alunos do ensino fundamental, em classes especiais, e incluídos em classes regulares no Ensino Médio, com a presença de um profissional tradutor/intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Realizada na sala de dança da escola, a oficina propunha apresentar aos alunos fundamentos básicos da prática teatral, em turno oposto das aulas. Em decorrência das atividades praticadas e da motivação do grupo, ofereceu-se a oportunidade de socializar as experiências em uma criação cênica destinada à apresentação ao público.

Com isso, a montagem cênica foi pensada de forma coletiva. Todos os participantes trouxeram suas contribuições a partir do eixo temático *condição humana*. Foram poesias, reflexões, excertos de músicas que, uma vez refletidos,

foram compilados numa série de frases adotadas como texto para montagem da peça e distribuídas aos participantes mediante sorteio. Foi durante etapa de marcação das cenas que alunos surdos passaram a participar da oficina, o que gerou uma mudança de perspectivas. Não cabiam mais atividades voltadas à oralidade ou que se utilizassem de sonoridades, ainda que foram mantidas falas verbalizadas e trilha sonora. Houve uma série de adaptações para viabilizar a participação dos quatro alunos que estavam se integrando ao grupo, inclusive na montagem da peça. Articular a comunicação com os surdos e realizar as atividades propostas foi um desafio gratificante, pois engrandeceu todos os envolvidos no projeto. Os alunos ouvintes demonstraram grande sensibilidade ao acolherem os colegas surdos. O que resultou dessa troca entre ouvintes e surdos, numa busca pela visualidade e expressão corporal, foi um terreno fértil de aprendizagem originado pelos desafios advindos da diferença linguística. O resultado foi uma peça que prima pela estética teatral e propõe uma reflexão quase filosófica sobre o ser e o estar no mundo – do e com o corpo.

O que observa-se foi o desenvolvimento, por parte dos alunos, tanto em questão de concentração, de autoconhecimento, percepção do outro, quanto de reconhecimento de possibilidades de construção e modos de ver e fazer diferente, num processo constante de autoavaliação. Podemos apontar também uma formação de plateia, pois despertou o interesse dos envolvidos - direta ou indiretamente - em 'consumir' teatro. A dinâmica prevista, assumidamente coletiva, se abre para experimentações e continuidades que ampliam a percepção corporal, de modo a favorecer o diálogo e interação entre alunos surdos e ouvintes, sem que as especificidades linguísticas representem entraves, de modo a considerar o corpo como potência em linguagem.

REFERÊNCIAS

KOUDELA, Ingrid Dormien. *Jogos Teatrais.* São Paulo: Perspectiva, 1992.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 1984.

TELLES, Narciso. *Ensino do teatro:* espaço e práticas. Porto Alegre: Editora Mediação, 2008.